

REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA A PARTIR DAS OBRAS – A PESTE (CAMUS) E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (SARAMAGO)

Eucimara Emiliane Bezerra da Costa ¹
Juarez Nogueira Lins ²

RESUMO

Inúmeras obras literárias discutem a temática do isolamento social ocasionado por epidemias e pandemias, desde o século XVIII até a contemporaneidade – *A Peste*, *A dança da Morte*, *O amor nos tempos do cólera*, *Olhos da escuridão*, *Ensaio sobre a cegueira*, dentre outros. Entrar em contato com esses mundos imaginados, articulá-los à realidade atual, contribui para a construção de espaços reflexivos: reflexão sobre os acontecimentos, oriundos da pandemia do coronavírus e sobre os modos de enfrentamento de tais situações. Nesse sentido, a partir de pesquisa realizada por esta bolsista do PIBIC/CNPq-UEPB, objetivou-se analisar 02 romances que tematizam a pandemia, buscando articular as realidades literárias à realidade social, com vista a compreender como a literatura sobre epidemia/pandemia pode se tornar um espaço de reflexão sobre os efeitos da pandemia do coronavírus. O aporte teórico da pesquisa constituiu-se dos estudos de Candido; Barthes, Figueiredo, Carvalho e Ruffato. A metodologia, utilizada pesquisa bibliográfica, analítica e interpretativista, de abordagem qualitativa. o corpus desta pesquisa foi composto pelos romances: *A Peste* (1947), de Albert Camus e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago. Os procedimentos da pesquisa foram definidos em 05 etapas – leitura e sistematização dos textos teóricos, a leitura, análise dos três romances, produção de 01 artigo, construção do Relatório final e apresentação do relatório/artigo no Encontro de Iniciação Científica. Os resultados indicam que os romances colocam os sujeitos em contato com outros sujeitos e sentimentos, durante o período pandêmico. Isso contribui para que os sujeitos reais, a partir dos acontecimentos imaginados, compreendam melhor o mundo real a sua volta, reflitam sobre suas vivências durante a pandemia.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

A partir da leitura de um texto de Luiz Ruffato (2020), intitulado “Literatura em tempos de Pandemia” em que o autor sugere leituras que abordam a temática pandêmica, e ainda norteado por alguns de seus pressupostos, dispostos ao longo do citado artigo, surgiu

¹ Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eucimara.costa@aluno.uepb.edu.br

² Prof. Dr. do Curso de Letras do campus III da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, junolins@yahoo.com.br

inicialmente, a ideia de ler as obras sugeridas. No entanto, além das obras sugeridas, resolvemos pesquisar outras, sobre a temática. E, por fim, decidimos transformar essa busca, em uma pesquisa científica.

E assim, surgiu esta Pesquisa de iniciação Científica PIBIC/UEPB/CNPq, realizada no Departamento de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o objetivo de analisar 02 romances sobre a pandemia, buscando articular as realidades literárias à realidade social, com vista a compreender como a literatura sobre epidemia/pandemia pode se tornar um espaço de reflexão sobre os efeitos da pandemia do coronavírus. As obras selecionadas, dentre as inúmeras sugeridas pelo próprio Ruffato e por outros professores/críticos foram: *A Peste* (1947), de Albert Camus e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago O aporte teórico da pesquisa constituiu-se dos estudos de Candido (1989, 1995, 2006) e a relação literatura e sociedade, literatura e humanização; Barthes (2004), Silva (2002), Carvalho (2020) sobre literatura e teoria literária e Ruffato (2020) sobre literatura e pandemia.

E, a partir desta pesquisa qualitativa e interpretativista, buscou-se articular os textos literários ao momento atual – em que os sujeitos se encontram fragilizados seja pelo isolamento, medo, perdas, incertezas ou inundados por informações/desinformações – e analisá-los, à luz da teoria e à luz das nossas vivências pessoais, possibilita algumas contribuições: o incentivo à leitura do texto literário e a leitura de textos literários que abordam a realidade atual; a constituição de espaços reflexivos sobre a pandemia e seus efeitos, levando os leitores a perceberem que não estão sozinhos na vivência de suas adversidades, nesse momento de exceção.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura, enquanto instrumento social/cultural, registra e expressa a complexidade, diversidade e conflitos existentes na sociedade. Ela é constituída a partir deste mundo social e cultural e, também é constituinte dele. Trata-se de um olhar diferenciado, um filtro que desvela/revela os caminhos (ações) constituídos pelos sujeitos sociais. Ela cria, a partir da base sólida, da realidade, outros mundos, imaginários, possíveis. Pode, também antever alguns acontecimentos, com por exemplo, a pandemia. Assim, a nossa proposta se articula através da inter-relação entre o literário e o social, posição defendida por Candido (2006), e ao longo de outros textos seus, e que fundamentam esta pesquisa. Portanto destaca-se aqui, a literatura, que minimiza, nesse momento de pandemia (uma realidade social), de ameaça a nossa sobrevivência,

enquanto indivíduos e espécie. Portanto, vale a pena buscar na literatura, em algumas de suas narrativas, o prazer de ler e elementos para refletir e seguir em frente (RUFFATO, 2020).

E as obras citadas oferecem esses elementos. Silva (2002) contextualizando o romance *Ensaio sobre a cegueira*, enfatiza: tal romance, de acordo com a descrição de sua ambiência ficcional tem tudo o que caracteriza a sociedade contemporânea. Ela cita o congestionamento de carros e pessoas nas ruas; a violência urbana, representada pelo roubo de carros e o disparo dos soldados contra o ladrão. E também pela presença de grupos armados – grupo de cegos que detém uma arma e subjuga os demais. Também na obra está presente a desorganização social, (lixo, miséria, destruição das instituições públicas e privadas) e por fim, a presença marcante de imagens audiovisuais e produtos da tecnologia industrial – outdoor, rádio, televisão, telefones e eletrodomésticos modernizados.

Mesmo sendo obras anteriores a pandemia atual, elas trazem marcas de outros acontecimentos, experiências. De acordo com Candido (1985), a criatividade, a imaginação e a originalidade de uma obra literária partem das condições reais do tempo e do lugar, muitas vezes, de acontecimentos datados historicamente. E que se transformam em narrativas que valem pelo que elas expressam a posteridade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazemos aqui, alguns trechos das narrativas, seguidos de reflexões sobre a relação entre o enredo das obras e a realidade pandêmica, buscando, entre outros aspectos, a vida em isolamento, as formas de enfrentamento...

Na obra *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), o autor metaforiza a doença a partir de ações empreendidas por seus personagens – o surgimento inesperado, como foi a covid-19, o caos gerado pelo desconhecimento, pela falta de informação sobre a origem, formas de contágio, prevenção e cura. E também o oportunismo de pessoas que se “aproveitaram” de situações para cometer atos reprováveis. Desde poderosos às pessoas mais simples, de uma forma ou de outra, buscaram “lucros com a miséria alheia.”, mesmo sob o teto da peste (da pandemia).

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco de

automóveis sem esperança de avanço na carreira (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exactamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da lotaria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpite, comprou a ver que dali saía (...) (SARAMAGO, 1995 p.25).

O autor destaca aqui, as ações de pessoas aproveitadoras, e, que estando sujeitas às mesmas condições de risco, seguem se aproveitando da situação para se beneficiar. Nesse caso, no entanto, não estando imune, acaba se contagiando, também. Isso nos faz refletir sobre a democracia da enfermidade, que não poupou, nem ricos nem pobres. Embora estes últimos, devido a precariedade de vida, foram, certamente, os mais afetados.

Na realidade, assim como na ficção, houve um evidente oportunismo, em cima da miséria. Nos primeiros meses da pandemia, com a elevação do número de infectados e a condição de quarentena, a população, ainda sem um horizonte dos impactos da covid-19, fez um estoque de alimentos, produtos de higiene e itens como álcool em gel e equipamentos de proteção individual (luvas e máscaras), que foram se esgotando e fazendo com que faltassem medicamentos até para os profissionais de saúde. Reinou o oportunismo de empresários, políticos, falsos especialistas, de pessoas comuns entre outros. Cada qual buscando tirar proveito pessoal, da situação. Na narrativa, o sujeito pernicioso, sofreu o castigo. Na nossa realidade, provavelmente, muita gente ficou impune. Dentre estes, algumas autoridades brasileiras. Na obra, Saramago destaca o papel inoperante das autoridades, jogando para a população a responsabilidade por conter a doença, esquecendo a sua importância enquanto agente público.

O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional (SARAMAGO, 1995, p. 49).

No país, as autoridades se dividiram entre o deboche, a insensatez e a irresponsabilidade (quem não lembra da famosa frase “é só uma gripezinha” dita por nosso maior mandatário, a negação do vírus e da vacina, o kit anti-covid, formado por medicamentos que não apresentaram resultados), isso em detrimento das pesquisas médicas, farmacêuticas, das orientações dos órgãos de saúde. O povo se isolou e, assim isolados puderam refletir sobre os acontecimentos. Também na ficção, há reflexões sobre a situação e outras situações sociais. As pessoas precisaram cegar, para voltar a ver. “Provavelmente, só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são”. (SARAMAGO, p. 128). Isso representar a necessidade humana de sofrer determinadas “dores” para perceberem o que é realmente importante. Sair de si e sair da cena urbana, se isolar até perder a esperança “ [...] estamos isolados, mais isolados do que provavelmente alguém já esteve, e sem esperança de que possamos sair daqui” (SARAMAGO, p.151). A pandemia que

vivemos não chegou a esse ponto, mas realmente, algumas pessoas perderam a esperança e, infelizmente, a vida. A pandemia ainda perdura, assim, como as dúvidas que nos assolaram ao longo desses anos. No fragmento que se segue, o sentimento de dúvida que esteve presente durante um longo período da nossa pandemia, também esteve presente na ficção de Saramago.

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p.310).

O autor destaca a incerteza no cenário de cegueira que acometeu a sociedade e o que esta cegueira representa para trama. Na nossa realidade, enquanto a população vivia entre o desconhecimento e o medo, pessoas e instituições, públicas e privadas, propagavam falsas notícias (fake News) para criar a instabilidade social: política, a polarização (esquerda x direita, religião x ciência), ou seja, instabilidades que criaram uma atmosfera de medo, pânico, desesperança. E entre tantos outros males, causou uma “cegueira” daqueles que não queriam enxergar o único meio de cura, naquele momento, a vacina. Autoridades cegas, que viam, mas não queriam ver. Pessoas iam cegando (morrendo), vendo a saída, mas sem conseguir chegar, o colírio demorou e muitos pereceram, sem ver a luz.

Tal como a “cegueira misteriosa” de José. Saramago, *A “peste”* de Camus simboliza os momentos de uma pandemia/epidemia. Neste último autor, marcados principalmente, pelo isolamento (que ele chama de exílio), mas também, pelo vazio, desumanidade, desestabilidade social, política, econômica, cultural e religiosa dos indivíduos que, diante da iminência da morte, sempre à espreita, se tornam, na prosa de Camus, seres temerosos, animalizados, poucos civilizados, com pouco ou nenhum escrúpulo. (Mesmo situados em espaços geográficos/temporais distintos, a pandemia, seja as ficcionais, seja a real, parece apresentar situações semelhantes). Vejamos a questão do isolamento, presente em *A Peste* e também na pandemia contemporânea.

Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio. E o narrador está convencido de que pode escrever aqui, em nome de todos, o que ele próprio sentiu então, já que sentiu ao mesmo tempo que muitos dos nossos concidadãos. Sim, era realmente o sentimento do exílio esse vazio que trazíamos constantemente em nós, essa emoção precisa, o desejo irracional de voltar atrás ou, pelo contrário, de acelerar a marcha do tempo, essas flechas ardentes da memória. (CAMUS, 1947, p. 71).

Na pandemia real, as pessoas se isolaram em suas casas, revisitando assim a articulação com o exílio descrito por Camus. De certa forma, na pandemia vivida, as pessoas, tal qual

aquelas ficcionais, se tornaram pouco animalizadas e pouco civilizadas, tendo em vista o confinamento, mas não tão inescrupulosas. Foi possível perceber um certo sentimento de solidariedade (as pessoas buscavam se ajudar, quando podiam), muito embora a inescrupulosidade, em situações assim, sempre estiveram presentes, dentro e fora das residências e das redes.

No entanto, a angústia fez parte, não apenas dos espaços ficcionais, no cenário pandêmico vivenciados pela contemporaneidade, a angústia e a ansiedade fizeram morada nos lares, hospitais, ruas e outros recônditos. Pessoas ansiosas por melhores dias, pelo regresso daqueles dos quais se separaram. Muitas vezes, uma espera em vão e restava as lembranças, o passado de possibilidades. A espera angustiante. O fragmento abaixo retrata esses momentos tão esperados.

[...] em esperar pelo toque da campainha que anuncia o regresso, ou pelos passos familiares na escada; se, nesses momentos, consentíamos em esquecer que os trens estavam imobilizados; se nos organizávamos para ficar em casa à hora em que normalmente um viajante podia ser trazido pelo expresso da tarde até o nosso bairro, esses jogos, obviamente, podiam durar. Chegava sempre um momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegavam. Sabíamos, então, que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamo-nos, afinal, à nossa condição de prisioneiros, estávamos reduzidos ao nosso passado e, ainda que alguém fosse tentado a viver no futuro, logo renunciava, ao experimentar as feridas que a imaginação finalmente inflige aos que nela confiam (CAMUS, 1947, p. 71, grifos nossos).

Camus situa esses momentos de espera, angústia, pela campainha que não anuncia alguém, o expresso que não chega e o isolamento que perdura, parece que não vai acabar. Enquanto isso, as pessoas continuam, sem força para reagir. E vivem num estado de letargia, depressão diante de imagens de terror, experimentadas por milhares de pessoas através dos noticiários, os quais veiculavam os enterros, caixões de madeira improvisados, queimação de corpos em massa etc. A ideia de morte torna-se presente no imaginário das pessoas. E o amanhã é incerto: quem será o próximo, a sucumbir diante do vírus, a cair nas malhas da Covid? Enquanto isso, há os incrédulos no “telefone ou nos cafés, fala de letras de câmbio, de conhecimentos ou de descontos? Compreenderão o que há de desconfortável na morte, mesmo moderna, quando ela chega assim, num lugar seco”. (CAMUS, 1947, p. 4). Da mesma forma que na ficção, havia pessoas que faziam festa, “aglomeravam” ignoravam as mortes, o clamor sanitário por prevenção.

Em *A Peste*, a morte, a solidariedade e a solidão estão representadas de modo semelhante ao cenário ocorrido no Brasil a partir de 2020, quando foi decretado o estado de quarentena, onde muitas pessoas tiveram que ficar isoladas e/ou afastadas de seus lares e famílias. Durante o período de maior incidência de casos de contaminação da covid-19 houve um intenso aumento da ocupação de leitos hospitalares, onde os internos não podiam receber visitas. As portas dos hospitais, realmente se fechavam, separando os que entravam, daqueles que voltavam para casa, sem direito a contato. O texto de Camus traz uma alusão relevante sobre o fato de que essa separação dos entes queridos não estava prevista e diz

[...] súbita separação em que foram colocados seres que para isso não estavam preparados. Mães e filhos, esposos, amantes que tinham julgado proceder, alguns dias antes, a uma separação temporária, que se tinham beijado na plataforma da nossa estação, com duas ou três recomendações, certos de se reverem dentro de alguns dias ou algumas semanas, mergulhados na estúpida confiança humana, momentaneamente distraídos de suas ocupações habituais por essa partida, viram-se, de repente, irremediavelmente afastados, impedidos de se encontrarem ou de se comunicarem. (CAMUS, 1947, p.40)

Separação que no cenário pandêmico, foi oficializada a partir do *lockdown*, uma medida restritiva do Estado, referente à circulação de pessoas em espaços públicos e do funcionamento de setores considerados não essenciais. No Brasil, em constante desarmonia com a presidência da república, o Ministério da Saúde decretou as orientações da OMS no dia 27 de março de 2020, definindo que, no comércio, apenas prestadores de serviços básicos (como farmácias, supermercados e postos de gasolina) funcionaram e ainda assim com uma redução do número de funcionários para evitar as aglomerações.

As pessoas simplesmente não acreditavam naquilo que estava acontecendo. No início, continuavam com seus planos individuais. E quando perceberam que aquele momento era uma realidade, desejaram que ele fosse fugaz e que a vida continuasse.

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. [...] Quando estoura uma guerra, as pessoas dizem: “Não vai durar muito, seria estúpido”. Sem dúvida, uma guerra é uma tolice, o que não a impede de durar. A tolice insiste sempre, e nós a compreenderíamos se não pensássemos sempre em nós. Nossos concidadãos, a esse respeito, eram como todo mundo: pensavam em si próprios. [...] Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres e jamais alguém será livre enquanto houver flagelos. (grifo nosso) (CAMUS, 1947,p.40).

De acordo com Santos (2020), apud Silva Reis (2020), o drama central da pandemia do coronavírus é o medo da morte. Além disso, os autores trazem algumas representações, a saber: a ideia de que o vírus, por ser pequeno (invisível) assumia o poder de uma divindade, já que conseguia, vertiginosamente, ceifar milhões de vidas em todos os países. Noutro extremo, erigem-se os mercados, as grandes indústrias farmacêuticas, alimentares, etc., como forma de contribuição para o enfrentamento da crise insidiosa da Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas obras analisadas, *A peste* (1947) de Albert Camus, e *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago vimos que a literatura enquanto construto social, enquanto representação/recriação da realidade, contribui para desvelar/revelar as mazelas sociais, indicar caminhos, apresentar outros modos de ver os acontecimentos. Diante das situações descritas nos romances e sua aproximação com a pandemia da covid-19, observamos que a denúncia presente se revela nas atitudes de isolamento e medo, desinformação e mentira inescrupulosidade e mesquinhez, solidariedade e fraternidade, esperança e desesperança, enfim as contradições humanas. E assim, as obras trazem reflexões sobre a vida dos seres humanos e suas limitações, sobre os modos de enfrentar as catástrofes naturais e aquelas criadas pelos próprios homens. Vidas ficcionais e vidas reais se confundem, realidades se antecipam e se encontram, e enfim, se fundem. A literatura, como nos diz Rufatto (2020), nos coloca em contato com os dramas e tragédias humanas e, portanto, nos ajudam a nos tornar mais humanos.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CAMUS, Albert. **A peste**. [S.I.], Ed. Círculo do livro, 1947.

CARVALHO, Keiliane da S. A.; LOPES, Maria S. de O. **A peste, de Albert Camus: uma leitura sob a ótica da metaficção historiográfica**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, n.1, p. 468-482, jan/mar. 2020.

FIGUEIREDO, Euridice. **A peste de Camus em diálogo: epidemias do passado, pandemia do presente**. Aletria, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 183-201. 2021.

RUFATTO, Luiz. **Literatura em Tempo de pandemia**. Itaú Cultural, 2020.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA REIS, Erivelto. **Ensaio sobre a cegueira: José Saramago, o arauto de um mundo em pandemia**. Convergência Lusíada, Rio de Janeiro, v. 31, n. 44, p. 395-412, jun/dez., 2020.

TEIXEIRA, G. L. **A violência é cega: reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**. Aurora – Revista de arte, mídia e política, n. 7, p. 19-27. 2010.